

**A alteridade constitutiva em aulas de inglês como língua-cultura estrangeira: a perspectiva do princípio dialógico bakhtiniano / *The constituting alterity in classes of English as a foreign language-culture: the Bakhtinian dialogical principle perspective***

*Carla Janaina Figueredo\**

**RESUMO**

A proposta central deste trabalho é discutir como a dialogicidade existente nas práticas discursivas desenvolvidas por alunos brasileiros de inglês e seu professor irlandês influenciam na constituição e expressão de suas subjetividades no contexto da sala de aula. Fundamentados em alguns elementos que compõem o princípio dialógico bakhtiniano, percebemos que a presença do outro nas interações com os participantes deste estudo representa o fator determinante na revelação de suas posturas valorativas e, por conseguinte, em suas reconstruções frente aos interlocutores envolvidos, garantindo assim, momentos significativos de apropriação do inglês como língua-cultura estrangeira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Interação; Dialogismo; Alteridade; Subjetividade; Inglês como língua-cultura estrangeira

**ABSTRACT**

*The main purpose of this paper is to discuss how dialogicity which is present in the development of Brazilian students of English and their Irish teacher's discourse practices influences their subjectivities' constitution and expression in the classroom context. Based on some elements that make up the Bakhtinian dialogical principle we notice that the other's presence throughout the interactions with this study's participants represents the fundamental factor to reveal their viewpoints as well as to rebuild them before their interlocutors, which can guarantee significant moments for the appropriation of English as a foreign language-culture.*

**KEYWORDS:** Interaction; Dialogism; Alterity; Subjectivity; English as a foreign language-culture

---

\*Professora da Universidade Federal de Goiás – UFG, Goiânia, Goiás, Brasil; cjfigueredo2@hotmail.com

## Considerações iniciais

Não é novidade que o pensamento bakhtiniano tem fundamentado vários estudos concernentes à dialética ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras (LEs), como podemos conferir em Hall et al. (2005), Vitanova (2005), Marchenkova (2005), Figueredo (2007), dentre outros. Esse olhar voltado para as teorizações realizadas por Bakhtin e o Círculo acerca da língua como fenômeno social, essencialmente sustentada pelas interações verbais e seus elementos históricos e ideológicos, nada mais é que o reconhecimento de que nossa compreensão sobre o contexto da sala de aula de LEs tem se expandido por meio da perspectiva dialógica das práticas discursivas ocorridas nesse universo e de suas implicações e contribuições para o processo de apropriação da língua-cultura estrangeira.

Nesse sentido, o objetivo central deste artigo é apresentar um recorte de um estudo maior que contemplou discussões sobre a dialogicidade presente nas interações e práticas discursivas de sete<sup>1</sup> aprendizes brasileiros de inglês e seu professor de origem irlandesa<sup>2</sup>, ocorridas ao longo do curso *Oral/Written Communication in English* oferecido por uma universidade particular em Goiânia, Goiás. Como objetivo específico, pretende-se discutir de que forma as práticas discursivas essencialmente dialógicas entre a língua-cultura dos participantes (L1-C1) e a língua-cultura estrangeira (L2-C2), no caso o inglês para os aprendizes, influenciam as subjetividades dos interagentes, e qual o papel que o *outro* exerce em suas constituições identitárias, tendo em vista o considerável espaço cedido para o processo interacional e dialógico mediado pela LE. Na próxima seção, alguns elementos constituintes do dialogismo bakhtiniano serão abordados.

### 1 O princípio dialógico bakhtiniano

Ancorado na perspectiva interacionista da linguagem e no seu valor sócio-histórico e cultural, Bakhtin nos revela que o dinamismo inerente à língua é tão-somente governado

---

<sup>1</sup> Para o recorte escolhido para as nossas discussões, houve quatro alunas participantes (Morgana, Sofia, Renata e Ana), além do professor Jack. Os nomes aqui apresentados são pseudônimos e foram escolhidos pelos próprios participantes.

<sup>2</sup> Embora o professor seja de origem irlandesa, ele mora no Brasil há quase 40 anos, fala português brasileiro fluentemente e possui um conhecimento expressivo da cultura brasileira.

por uma relação dialógica que, segundo ele, “é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica” (BAKHTIN, 1997, p.345-6). O princípio dialógico presente nas interações verbais revela-se por meio da produção e da compreensão dos significados, os quais estão impregnados de singularidades, sempre afetadas e alteradas pelas relações construídas entre o *eu* (locutor ou falante) e o *outro* (receptor ou destinatário) que constantemente se “interdefinem, se interpenetram, sem se fundirem ou se confundirem” (BRAIT, 2005b, p. 80). Trata-se, na verdade, de relações marcadas por uma profunda originalidade na construção dos sentidos, mas que não se restringem apenas às réplicas de um diálogo comum, formado por perguntas e respostas. O princípio dialógico é mais extenso, mais variado e mais complexo (BAKHTIN, 1992, 1997, 1998, 2004). Mesmo que um determinado locutor esteja distante de seu interlocutor no tempo e no espaço, ou suponhamos que jamais tenha havido um encontro entre eles antes, é possível estabelecer uma relação dialógica entre ambos se tão-somente houver uma confrontação ou convergência de sentidos entre os seus mais diversos pontos de vista e opiniões. O caráter dialógico da linguagem é, portanto, atemporal, pois não se limita ao aqui e agora, mas pode também advir de intersecções com o passado (diálogos retrospectivos) e, da mesma forma, se lançar no futuro por meio de diálogos prospectivos. *Grosso modo*, as relações dialógicas se estabelecem em uma oposição à composição monológica, pois o simples fato de o indivíduo pensar ou falar consigo mesmo já se revela uma relação dialógica (CLARK e HOLQUIST, 2004; BRAIT, 2005a; SOBRAL, 2005), além do que, para Bakhtin (1997, p.350), “a relação com o sentido é sempre dialógica. O ato de compreensão já é dialógico”.

No entanto, o princípio dialógico de Bakhtin dificilmente poderia ser compreendido por completo sem antes termos em mente o que ele concebia como palavra e as consequentes implicações de seu uso nas interações verbais. Para Bakhtin,

*A palavra é o fenômeno ideológico por excelência. A realidade toda da palavra é absorvida por sua função de signo. A palavra não comporta nada que não esteja ligado a essa função, nada que não tenha sido gerado por ela. A palavra é o modo mais puro e sensível de relação social. [...]*

Nenhum signo cultural, quando compreendido e dotado de um sentido, permanece isolado: torna-se parte *da unidade da consciência verbalmente constituída*. [...] A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação (2004, p.36-8).

Mais precisamente, Bakhtin (1992, 1997, 1998, 2004) afirma que a palavra está associada à vida, visto que faz parte de um processo de interação em que o falante e seu interlocutor, inseridos histórica e culturalmente em contextos específicos de comunicação, podem compartilhar valores socialmente construídos. É por meio desse processo comunicativo, pelo qual os interlocutores dão vida às palavras, que valores agregados ao que é dito são colocados frente a frente e, por conseguinte, estabelecem um diálogo com os valores da sociedade. Por essa razão a palavra é um produto ideológico vivo, presente em qualquer situação social, capaz de expressar a visão de mundo do sujeito por meio do confronto entre as palavras de sua consciência e as palavras circulantes da realidade, ou melhor, entre o que é interno e o externamente ideológico. Sobre essa questão, Bakhtin (2004, p.66) acrescenta que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais”. Nesse sentido, a palavra, quando inserida em um contexto que lhe confere vida, não pode ser considerada neutra ou desprovida de valores e concepções ideológicas. Em outros termos, a natureza dialógica da palavra lhe confere, além de um caráter sócio-histórico, um “ponto de vista” intrínseco à sua realização, guiado, sobretudo, por uma postura valorativa, ou juízo crítico avaliativo, que se concretizam por meio das esferas em que as atividades humanas ocorrem, especificamente em um campo privilegiado de comunicação contínua, ou seja, a interação verbal. É a partir desses encontros que o universo de signos é construído, e cada signo (palavra), juntamente com sua carga ideológica, se tornam parte da consciência verbalmente constituída dos sujeitos.

Pensar na palavra como signo ideológico e dialógico é também pensar em todos os elementos que a acompanham e que a vivificam, como as dimensões comunicativa e interativa que, a partir do momento em que a enunciam, a caracterizam como um enunciado concreto. No pensamento bakhtiniano, os termos *enunciado concreto* e *enunciação* estão

intimamente relacionados, de modo que o enunciado é denominado concreto por não ser uma mera abstração linguística, dissociada de sentido e realidade social, mas, sim, uma expressão viva e única, cujas formas e significados são determinados pelo contexto, pela interação, pela história e pela cultura. Ao dizer que “o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto”, e que “há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis” (BAKHTIN, 2004, p.106), compreendemos que o enunciado concreto somente ganha vida no processo da enunciação, sustentado pelas interações verbais, e entretecido pelo caráter histórico e cultural de seus sujeitos participantes que, constantemente, se ligam “a enunciações anteriores e a enunciações posteriores, produzindo e fazendo circular discursos” em uma relação dialógica contínua (BRAIT e MELO, 2005, p. 68). Corroborando essa questão, Bakhtin afirma que

[um] enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns aos outros nem são auto-suficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunicação verbal (1997, p.316).

Tendo em vista essas implicações do princípio dialógico e, por conseguinte, seu caráter indissociável das interações verbais, quando nos referimos aos gêneros do discurso (orais e escritos), incluímos inevitavelmente todos os outros componentes integrados ao dialogismo de Bakhtin. Entende-se por gêneros do discurso os modos variados de utilização da língua nas diversas esferas da atuação humana. Em outras palavras, os enunciados concretos e únicos produzidos pelos diferentes contextos comunicativos são marcados por conteúdos específicos, por um estilo verbal singular, os quais são determinados pela escolha de recursos lexicais, fraseológicos, gramaticais e composicionais situados historicamente e culturalmente no sistema linguístico. Os gêneros do discurso são, para Bakhtin (1997, 2004), infinitamente variados, visto que estão incorporados à inesgotável diversidade das atividades humanas, tais como, as enunciações da vida pública, cotidiana,

institucional, artística, científica, filosófica, etc. Além disso, à medida que os ambientes se desenvolvem e se tornam mais complexos, os gêneros discursivos conseqüentemente sofrem modificações e se ajustam às necessidades comunicativas de seus falantes.

Assim, o caráter multifacetado da linguagem, seus signos ideológicos, impregnados por sentidos diversos, construídos ao longo das enunciações concretas, também ganha vida na multiplicidade das vozes, ou seja, na polifonia que, dinamicamente, contribui com o seu perfil dialógico. Em outras palavras, definir polifonia é compreender que o dialogismo se constrói pela interação de múltiplas vozes que são, na verdade, as consciências dos sujeitos que elaboram seus próprios discursos, os quais representam, a seu modo, as singularidades do mundo sócio-histórico e cultural em que estão inseridos. Nesse sentido, toda voz é marcada por um ponto de vista significativamente autônomo mas, apesar de sua vida própria, só se consolida no diálogo com outras vozes, nos momentos de interdependência das consciências individuais que sustentam as relações sociais entre os sujeitos (BAKHTIN, 1997, 1998; CLARK e HOLQUIST, 2004; BRAIT, 2005a; BEZERRA, 2005).

Na concepção de Bakhtin (1997, 1998), por mais que as vozes sejam únicas, o *eu* somente é capaz de construir e reconhecer sua imagem por meio de um processo comunicativo e interacional com o *outro*, ou mais precisamente, o *eu* só existe a partir do diálogo com os outros *eus*. É, pois, na interação com outras vozes e consciências, que o *eu* se define e reflete sua individualidade, sua marca identitária, visto que, pela relação dialógica, os interlocutores expressam, mutuamente, suas personalidades, opiniões e ideais. Bezerra (2005, p. 94) complementa dizendo que “eu me projeto no outro que também se projeta em mim, nossa comunicação dialógica requer que meu reflexo se projete nele e o dele em mim”. Isso implica que o *eu* se compreende quando olha para o *outro* e, por mais que existam diferenças entre ambos, o processo comunicativo somente se estabelece pela interação de suas vozes, de seus sentidos e, conseqüentemente, por sua relação dialógica. Seguindo essa linha de pensamento, Bakhtin (1997, 1998) ressalta que, como seres em constante evolução e passíveis de mudanças, os sujeitos e suas vozes se caracterizam, sobretudo, pela inconclusibilidade, pois o valor conferido à figura do *outro*, capaz de falar e

responder por si mesmo, transforma a língua e sua realidade social em uma fonte inesgotável de interações e diálogos. Somente a voz que soa sem a presença interativa de outra voz, ou consciência, e que se mostra surda à voz do *outro*, às suas perspectivas e respostas, revela-se acabada em si mesma pelo seu autoritarismo.

Com vista a esses pressupostos, o princípio dialógico de Bakhtin constantemente elucida a importante relação entre o locutor e o seu destinatário, ou seja, um dos fatores cruciais na realização de um enunciado concreto é que ele se dirige a alguém, podendo ser um sujeito presente e diretamente envolvido na interação verbal (um destinatário concreto), ou mesmo um suposto destinatário (destinatário presumido), como por exemplo, um determinado leitor para quem um texto jornalístico se direciona. De qualquer forma, no processo dialógico, a presença do destinatário é que torna o enunciado vivo e, portanto, concreto. Nesse sentido, outro fator de destaque no pensamento bakhtiniano acerca do enunciado concreto diz respeito ao fato de sua elaboração ocorrer em função da eventual reação-resposta dos *outros*, pois como o teórico afirma: “Os outros, para os quais meu pensamento se torna, [...] não são ouvintes passivos, mas participantes ativos da comunicação verbal. Logo de início, o locutor espera deles uma resposta, uma compreensão responsiva ativa” (BAKHTIN, 1997, p.320). Assim, ao elaborar seu enunciado concreto, o falante sempre leva em consideração como sua fala será recebida pelo destinatário, atuando, dessa forma, de modo consciente na escolha dos procedimentos composicionais e dos recursos linguísticos. Por essa razão, no processo dialógico, haverá certamente diferentes relações de poder, as quais envolverão os interlocutores da enunciação, decidindo por eles as formas, a entonação e os gestos que são, certamente, complementos semânticos da comunicação, e os estilos que constituirão seus enunciados (BAKHTIN, 1997, 2004).

Em virtude dessa concepção bakhtiniana, há a forte convicção de que o processo dialógico nem sempre se caracteriza pela harmonia de pensamentos e opiniões, pois a comunicação verbal em si implica conflitos, relações de dominação, resistência e adaptação. A própria constituição ideológica do signo nos revela que a ideologia é um reflexo das estruturas sociais e, por essa razão, pensar em língua é, também, pensar em relações de poder. Nesse sentido, a perspectiva bakhtiniana não somente descarta a posição

passiva de produção e compreensão de enunciados concretos na relação dialógica entre falante/ouvinte, como também enfatiza que o diálogo estabelecido entre os interlocutores nem sempre é conciliatório e consensual (YAGUELLO, 1992; CLARK e HOLQUIST, 2004; BAKHTIN, 2004). No tópico seguinte, contextualizaremos e discutiremos o recorte que apresenta as interações e práticas discursivas dos participantes de nosso estudo.

## **2 Olhando a aula de inglês sob o prisma do dialogismo de Bakhtin**

O trecho a seguir refere-se aos principais desdobramentos de uma discussão gerada em torno da história em quadrinhos *Roger, the Dodger*,<sup>3</sup> trazida pelo professor Jack. Inicialmente, Jack solicitou aos alunos que criassem uma história com base nas figuras e, dessa forma, preenchessem os balões que se encontravam vazios. Após a verificação da produção dos alunos, Jack entregou a eles a versão original de *Roger, the Dodger*, desencadeando, assim, uma interação essencialmente dialógica, pela qual seus participantes principais, Jack, Morgana, Sofia, Renata e Ana revelam seus posicionamentos identitários com referência a questões de gênero (masculino e feminino).

Sobre identidades, incluindo as de gênero, Moita Lopes (2002) deixa claro que elas são construídas dentro e não fora do discurso, e há, sobretudo, uma necessidade de compreendê-las como produções de locais históricos e institucionais específicos, promovidas no interior de formações e práticas discursivas específicas, sendo substancialmente dependentes das relações sociais. Na visão de Moita Lopes (2002, p.63), “parece útil pensar as identidades sociais, metaforicamente, como mosaicos ou como imagens de caleidoscópios que se modificam nas várias práticas discursivas em que atuamos”. Nesse sentido, as interações e o diálogo entre a L1-C1 e L2-C2 dos membros dessa sala de aula nos dão uma visão clara de como suas identidades são construídas e remodeladas pela prática discursiva ao longo do processo interacional, cuja ênfase se

---

<sup>3</sup> A cópia da atividade *Roger, the Dodger*, realizada com os alunos, e a versão original dessa história em quadrinhos podem ser encontradas nos anexos.



encontra na percepção que o *eu* dos interagentes possui acerca do *outro*. Vejamos o trecho em questão.

### Recorte 1

1. *Jack: Any comments on the story?*
2. *Morgana: I liked it!*
3. *Jack/Morgana: What did you like about the story, Morgana?*
4. *Morgana: It shows how men is so lazy!(sic)*
5. *Jack: Some men are so lazy, and useless?*
6. *Sofia: Sometimes!*
7. *Morgana: And useless! (risos)*
8. *Jack: But there's a guy who came in who's able to cook!*
9. *Morgana: Yeah, but he's not from the family!*
10. *Jack: Not from the family.*
11. *Morgana: Children and husbands want you to do everything for them, they want you to cook, to wash//*
12. *Jack/Morgana: It sounds like you're talking of personal experience! (risos)*
13. *Jack: So, what's the solution here in this Roger, the Dodger? They found the solution, didn't they? They found a guy, a man//*
14. *Morgana: Yeah, but you can notice his suitcase, it's flourish! (risos)*
15. *Jack: Walter is his name. Yes, it's flourish! Very good, very good, so what's that mean?*
16. *Morgana: It means he's half and a half! (risos)*
17. *Jack/Morgana: What do you mean by half and a half?*
18. *Morgana: He's half a man and half a woman, so he can do both parts, he's no problem doing it!*
19. *Jack/Morgana: Ok, but a real man doesn't cook or doesn't do the housework?*
20. *Morgana/Jack: Not a real man, a real macho man doesn't do it!*
21. *Jack: A real macho man does not because of somebody else, who's gay, probably, do the housework, do the cooking, what do you think?*
22. *Renata: Do you think like that in Ireland? How does it work there?*
23. *Jack: How does it work there? Does it work like in Brazil?*
24. *Morgana: No, we don't usually take men maids in Brazil.*
25. *Jack: But the story is about prejudice, isn't it? It's about how we treat people who are gay, yes?*
26. *Renata: I think that in Brazil if we take someone, a man, usually, that is kind, that is a gentleman, and people say "Oh, he's gay!", just because he is sensitive, and, for example, a man, not a woman, likes arts, likes things like that, and they say "Oh, he's gay!, it's because of Brazilian men!*
27. *Morgana: That's a stereotype!*
28. *Jack: But it is a stereotype, yeah? And the prejudice..., I think, would you accept that? Maybe your opinions are more tolerant, I don't know.*
29. *Renata: I think so.*
30. *Morgana: I don't think we're not tolerant, yes, we are. I think we can deal very well, but we separate them, they are gays. It's like ..., it's not prejudice, no, no, no. It's like, we treat them just the way they want to be treated.*
31. *Jack: Yes, but you separate, the world separates ... and not necessarily..., let me tell you//*
32. *Ana/Morgana: How do they want to be treated?*

33. *Morgana/Ana: Normally.*
34. *Renata/Morgana: Do you think we treat them normally?*
35. *Morgana/Renata: I do. I have a lot of gay friends.*
36. *Renata/Morgana: You do, but not lot of people.*
37. *Ana: Brazilian people.*
38. *Jack: In general.*
39. *Sofia: In general.*
40. *Morgana: I think we accept them, I think we do.*
41. *Jack: Let's talk about English teachers, men, what per cent of English teachers are gay? Men?*
42. *Sofia: Various English teachers at university is.*
43. *Morgana: Half of them! (risos)*
44. *Jack: I would say more, yes? And, why?*
45. *Morgana: Especially the ones who have a British accent!*
46. *Ana/Morgana: I agree with you! (risos)*
47. *Jack: I don't agree with you!*
48. *Morgana/Jack: You don't count!*
49. *Jack: I don't count! Ok, all right, so tell me more!*
50. *Morgana: But that's a fact!*
51. *Jack: Of course, it's a fact. Yes, it is. Probably not only English teaching, but probably Literature, Portuguese, Spanish also//*
52. *Ana: But Mathematics, Physics, Chemistry//*
53. *Morgana: Straight men, macho men.*
54. *Sofia: Macho men!*
55. *Ana: They're espada, sword! (gesticula, mostrando o que é) (risos)*
56. *Jack: It's very interesting! I'm going to ask you something, hold on, yeah?//*
57. *Ana: I know a ..., he's a Mathematics teacher, and he's gay, so there's an exception to every rule!*
58. *Jack: So, it's true about teachers in general, ok?*
59. *Ana: I just remembered him! He's assumido! How do you say it?*
60. *Jack: He came out of the closet... Yeah, ok, all right, so, we won't ask about women, will we? Women, teachers of English? I haven't heard anything!*
61. *Morgana: Why not?*
62. *Ana: No problem, at all!*
63. *Jack: Not problem at all?*
64. *Sofia: We are perfect! We are normal! (risos)*
65. *Jack: Ah, you are normal? No per cent of lesbians among them? No?*
66. *Jack: She (apontando para Renata) wants to tell us a story.*
67. *Renata: I was shocked ..., and I was a little bit shocked because it happened at this time in this century, then, he's a hairdresser, and he was invited to go to a church, I think it was a protestant, and the person that invited him was his client. So he arrived there, he sat in the bank, and he was waiting for her to come and to talk to him. And she passed by and didn't go, and didn't say anything. And, then, he kept waiting to see what was going to happen there. And, finally, a guy arrived and asked him to get out of the church.*
68. *Morgana (perplexa): Oh, my God!*
69. *Renata: And he asked "Why?", "Because we don't think you're going to be very welcomed, you're not welcome". And he said it was the first time he was very humiliated, and he started crying, and that's why he doesn't believe in God, and he said a lot of things. I was pretty shocked!*

70. Morgana: *And why did she invite him?*  
71. Jack: *Yeah, why did she invite him?*  
72. Renata: *Yes, why did she invite him? Just to say something, to be good, you see, to be nice, "I'm going to church..."*//  
73. Morgana: *Instead of that, I think she was cruel!*  
74. Renata: *She was cruel! It wasn't a long time ago!*  
75. Jack: *So, but the reason why he wasn't accepted in the church was his orientation, the fact that he was gay?*  
76. Renata: *Yes, it was his way.*  
77. Jack: *Very sad, isn't it?*  
78. Renata: *In a place like that, in a church!*  
79. Renata/Jack: *And why do people become gay, is it the way they were raised?*  
80. Jack: *It's not easy to understand.*  
81. Morgana: *It's hard!*  
82. Jack: *It's hard. All right, let's move on, because we have no answers, really.*

As alunas participantes dessa interação são, de início, conduzidas à exposição de seus comentários sobre a história, partindo da fala de Morgana que não somente afirma ter gostado da versão original (turno 2), como também introduz sua visão crítica quanto às posições assumidas pelos homens na relação familiar (turno 4). A opinião de Morgana é sustentada, de certa forma, pela fala de Sofia (turno 6), que admite o fato de os homens serem “preguiçosos” e “inúteis”, algumas vezes, no serviço do lar. Morgana complementa dizendo que “*Children and husbands want you to do everything for the, they want you to cook, to wash*” (turno 11) e é, então, interrompida pela fala de Jack (turno 12), que sugere o fato de seu enunciado estar diretamente relacionado às suas experiências pessoais.

É possível perceber que, ao longo das primeiras enunciações, Jack, Morgana e Sofia estabelecem um diálogo com as normas culturais que tradicionalmente regem a distribuição dos papéis que homens e mulheres devem desempenhar em suas relações familiares. Morgana e Sofia representam, nesse sentido, a visão feminina que condena a indisposição do homem no auxílio das tarefas domésticas, comportamento este que reflete, por conseguinte, uma relação não igualitária com a mulher quanto às responsabilidades exigidas pelo lar, colocando-a, muitas vezes, em uma posição social inferior ao *outro* do gênero masculino, consolidando, ainda mais, a sua hegemonia. Em outras palavras, nessa visão cultural, cabe à mulher o cumprimento solitário de todas as tarefas referentes a cuidar da casa (fazer comida, limpar, lavar, passar, etc.), cuidar do marido e, também, ser

responsável em grande parte pela criação dos filhos, fatores que são dialogicamente questionados pelas aprendizes em sua discussão da história em quadrinhos. Bakhtin (2004, p.123) define essa questão dialógica entre as diferentes visões culturais dizendo que “qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma fração de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.)”. Em outras palavras, os enunciados dos participantes sempre apresentam, em maior ou menor grau, algo de suas experiências construídas socioculturalmente. Isso implica dizer que, por parte das aprendizes brasileiras, há, certamente, a veiculação de certos valores e crenças construídas ao longo de suas histórias com sua L1-C1( português brasileiro) em suas práticas discursivas em L2-C2 (inglês).

Ao perguntar às aprendizes sobre a figura masculina que assume as tarefas domésticas na história em questão (turno 13), Jack permite que as interagentes também revelem suas percepções frente a um novo personagem, *Walter*, que seria o *outro* representado por um homossexual. Sua imagem começa a ser construída a partir do momento em que Morgana o identifica na história como sendo o dono da “pasta florida” (turno 14), aquele que é “*half and a half*” (turno 16), e que não se importa em fazer o serviço doméstico. A fala de Morgana certamente retrata uma série de estereótipos responsáveis pela construção da identidade do homem homossexual. Acreditamos que boa parte de sua percepção tenha sido elaborada em conjunto com as inúmeras práticas sociais e discursivas de sua macro e micro culturas que, provavelmente, se originaram nas generalizações e rotulações, bem como na ausência de uma consciência crítica frente à diversidade dos comportamentos humanos. Moita Lopes (2002, p.33) reitera essa questão dizendo que “os participantes estão cientes de sua vinculação a eventos sócio-históricos já que nós todos escrevemos e falamos de um lugar e momento particulares, de uma história e de uma cultura que são específicas”.

Por essa razão, quando Morgana afirma que “*No, we don't usually take men maids in Brazil*” (turno 24), ela sugere que, em se tratando da macro-cultura brasileira, os gêneros masculino e feminino possuem papéis distintos e não compartilhados, ou seja, cada um

possui o seu lugar e a sua função na sociedade. Na avaliação cultural de Morgana, se determinados papéis que culturalmente devem ser cumpridos pelo gênero feminino são assumidos por um representante do gênero masculino é porque não se trata, na verdade, de um homem, mas, sim, de uma terceira orientação sexual que foge às regras, pois “*Not a real man, a real macho man doesn’t do it!*” (turno 20). Parece-nos, então, que, para a aprendiz, o fato de o homossexual assumir o trabalho doméstico na história em quadrinhos é algo coerente, uma vez que “*He’s half a man and half a woman, so he can do both parts, he’s no problem doing it!*” (turno 18). A partir de suas posições críticas, Morgana mostra como a identidade do *outro* homossexual vem sendo construída seguindo as influências de seu universo discursivo e cultural.

As falas de Jack, “*But the story is about prejudice, isn’t it? It’s about how we treat people who are gay, yes?*” (turno 25) e Renata, “*I think that in Brazil if we take someone, a man, usually, that is kind, that is a gentleman, and people say “Oh, he’s gay!”, just because he is sensitive*” (turno 26) destacam a questão de como a identidade do *outro* homossexual é construída com base em estereótipos e preconceitos. Talvez sejam as percepções de Jack e Renata as principais responsáveis por um novo posicionamento assumido por Morgana nos turnos 27 e 30. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a subjetividade de um indivíduo é constituída nas interações verbais com outras subjetividades, as quais auxiliam na formação e renovação de suas identidades. Isso quer dizer que a prática discursiva do *outro* é capaz de influenciar e mudar o meu próprio discurso e, conseqüentemente, remodelar meu posicionamento identitário (MOITA LOPES, 2002; SILVA, 2005). É o que percebemos no comportamento comunicativo de Morgana (turno 30), o qual se volta para uma visão não preconceituosa do *outro*, exemplificado pela frase “*I don’t think we’re not tolerant, yes, we are. I think we can deal very well [...] It’s not prejudice, no, no, no*”, e sustentado pelo fato de possuir vários amigos *gays* que são tratados de forma “normal”, segundo ela (turnos 33 e 35). Os diálogos promovidos por Jack e Renata envolvendo suas posições frente ao *outro* e o que a história em quadrinhos sugere (turnos 25 e 26) fazem com que Morgana reconheça a existência de estereótipos em torno do personagem homossexual: “*That’s a stereotype!*” (turno 27). É nesse sentido que Moita

Lopes (2002, p.95) enfatiza que “a alteridade molda o que dizemos e, da mesma forma, como nos percebemos à luz do que o outro representa para nós”. Na concepção de Bakhtin (1997, p.320), “a visão do mundo, a tendência, o ponto de vista, a opinião têm sempre sua expressão verbal. É isso que constitui o discurso do outro (de uma forma pessoal ou impessoal), e esse discurso não pode deixar de repercutir no enunciado”. Sendo assim, é possível compreender a influência das enunciações de Jack e Renata no redirecionamento da visão de Morgana.

Na sequência discursiva, o *outro* representado pelo homem homossexual assume uma nova identificação social, a de professor de inglês, em especial aqueles cuja variedade linguística se assemelha a dos britânicos (turnos 41, 42, 43, 44, 45, 46). Mais uma vez, os estereótipos se sobressaem na construção da identidade do professor de inglês do sexo masculino. Mesmo sendo colocado como um fator inerente também a outras disciplinas, a fala específica de Jack (turno 51) nos sugere que o professor homossexual normalmente se concentra nos cursos de Letras, sendo essa afirmação apoiada pelas percepções de Ana (turnos 52 e 55), Morgana (turno 53) e Sofia (turno 54) que associam o professor heterossexual a outros cursos, tais como Matemática, Física e Química. Ana, por exemplo, o caracteriza fazendo uso da expressão “espada” (turno 55) que, apesar da tradução *sword*, se refere à sua L1-C1 e aos seus valores culturais representativos da masculinidade e virilidade de um homem. Nem mesmo as exceções apresentadas pelos participantes da interação, a saber, o professor de Matemática conhecido por Ana (turno 57) e o próprio professor Jack são capazes de gerar discussões que desmistificam os estereótipos em torno do *outro* homossexual, como podemos ver no turno 58, “*So, it’s true about teachers in general, ok?*”.

É também interessante ressaltar a forma como Jack é desvinculado da identidade homossexual, isto é, como não sendo pertencente ao grupo de professores *gays* de língua inglesa e, portanto, uma exceção que foge à regra geral. Nesse caso, entretanto, notamos que essa desvinculação nada mais é que um reflexo das relações assimétricas de poder existentes entre professor e alunas. A fala de Jack (turno 47) que se contrapõe às falas de Sofia, Ana e Morgana (turnos 42, 43, 45, 46) consolida sua figura de autoridade frente a

elas e, sem dúvida, isso lhe garante a exclusão da classe social dos professores homossexuais. A afirmação de Morgana no turno 48, “*You don’t count!*”, corrobora essa questão e tem por resultado a confirmação de Jack no turno 49, “*I don’t count! Ok, all right, so tell me more!*”.

Tais eventos da enunciação nos fazem lembrar que, nas interações com o *outro*, nós sabemos o que pode ou não ser dito e isso depende, acima de tudo, de como estamos posicionados em nossas identidades sociais. Nesse sentido, Bakhtin (1997, p.322) afirma que “nas esferas da vida cotidiana ou da vida oficial, a situação social, a posição e a importância do destinatário repercutem na comunicação verbal de um modo todo especial”. De igual modo, é relevante salientar que o diálogo projetado pelas vozes sociais dos interagentes com relação à identidade homossexual de alguns professores do sexo masculino não inclui a discussão sobre professoras lésbicas. A questão ressaltada por Jack no turno 60 não é sequer levada adiante, uma vez que na avaliação cultural de Ana e Sofia (turnos 62 e 64), o *outro* representado agora pelas professoras de inglês é “perfeito” e “normal” e dificilmente se enquadraria nesse tipo de identidade social, pois nem mesmo há informações e exemplos para sustentarem esse fato, conforme nos atesta Jack nos turnos 60 e 65. O reconhecimento por parte de Ana e Sofia de que o *outro* é normal e perfeito talvez seja uma forma encontrada pelas alunas na projeção de suas próprias identidades de gênero, isto é, na revelação de seu pertencimento ao grupo heterossexual de professoras de inglês. O posicionamento identitário de ambas implicitamente nos revela uma visão cultural que desconsidera o *outro* homossexual como uma pessoa “normal” e “perfeita”.

O caráter dialógico das interações assume outra direção quando Renata se dispõe a narrar uma história que, para ela, se mostra especialmente relevante, tendo em vista seu desejo de compartilhar com os outros interlocutores um evento relacionado ao teor das discussões do grupo. No que diz respeito à narrativa como gênero discursivo, Moita Lopes (2002) afirma que o ato de narrar não somente faz parte dos cenários interacionais, como também se ajusta para atender aos propósitos comunicativos de seus interlocutores. Além disso, é também por meio da narrativa que o *eu* do narrador e o *eu* de seus ouvintes são delineados e posicionados diante dos personagens da história e dos interlocutores no

processo interacional. Moita Lopes (2002, p.159) acrescenta que “por meio das histórias as identidades estão sendo construídas no próprio ato de ser contadas, ou elas estão sendo reconstituídas no momento em que as histórias estão sendo relatadas. Esse aspecto chama atenção para a natureza fluida das identidades”. Além disso, é por meio das narrações que as vozes do locutor se unem às vozes dos personagens da história, constituindo, assim, um discurso no discurso, a enunciação na enunciação. De acordo com o pensamento bakhtiniano, a enunciação do narrador integra em sua composição outras enunciações e, apesar de associá-las à sua própria unidade discursiva, possui o compromisso de conservá-las, “pelo menos sob uma forma rudimentar, a autonomia primitiva do discurso de outrem, sem o que ele não poderia ser completamente apreendido” (BAKHTIN, 2004, p.145).

Com base nas colocações anteriores, percebemos que o evento narrado por Renata, o qual enfatiza o fato de um cabeleireiro homossexual não ter sido bem recebido em uma igreja protestante (turnos 67 e 69), suscita reações de grande perplexidade e indignação entre seus principais interlocutores, Morgana e Jack. As falas de Morgana (turnos 68, 70 e 73), “*Oh, my God!, [...] Why did she invite him? [...] I think she was cruel!*”, e Jack (turno 71 e 77), “*why did she invite him? [...] Very sad, isn't it?*”, por exemplo, demonstram compaixão pelo rapaz humilhado na igreja, lugar que, segundo a avaliação cultural de Renata (turno 78), deve acolher e não rejeitar. Todavia, o que chama a atenção nessa parte do processo interacional é justamente a revelação de identidades que se caracterizam pela posição de solidariedade frente ao *outro* que, pelo simples fato de possuir uma orientação sexual diferente dos demais, foi injustiçado. Percebemos, também, discursos contraditórios por parte dos membros dessa interação que, em momentos anteriores, evidenciaram visões preconceituosas, marcadas por estereótipos e, até mesmo, por avaliações depreciativas acerca desse *outro*. Pensando na metáfora do mosaico proposta por Moita Lopes (2002), inferimos que a natureza contraditória dos posicionamentos identitários evidencia as vicissitudes a que todo ser humano está submetido, não sendo possível, portanto, estabilizar sua subjetividade, visto que sua própria constituição depende de uma “exposição constante e imediata à multiplicidade de discursos sobre quem somos ou uma visão da vida humana como múltipla e plural, e ao mesmo tempo fragmentada” (MOITA LOPES, 2002, p.15). O



relato de Renata reflete, portanto, o que Bakhtin afirma acerca da expressividade contida no processo dialógico, pois

[...] enquanto falo, sempre levo em conta o fundo aperceptivo sobre o qual minha fala será recebida pelo destinatário: o grau de informação que ele tem da situação, seus conhecimentos especializados na área de determinada comunicação cultural, suas opiniões e suas convicções, seus preconceitos (de meu ponto de vista), suas simpatias e antipatias, etc.; pois é isso que condicionará sua compreensão responsiva de meu enunciado (1997, p.321).

No entanto, é importante ressaltar que não foi somente a forma como Renata organizou sua prática discursiva (turnos 67, 69, 72, 74, 76, 78), mas, sobretudo, foram os inúmeros diálogos com suas vozes sociais inseridas na construção da narrativa que, possivelmente, nos levam a crer na produção de imagens diferentes sobre o *outro*. Em outras palavras, a história narrada pode levar os participantes a refletir sobre a necessidade de aprender a respeitar e reconhecer o *outro* em sua dignidade e integridade moral.

A pergunta de Renata, “*And why do people become gay, is it the way they were raised?*”, (turno 79), no entanto, não encontrou abertura entre os interlocutores para estender a discussão (turnos 80, 81 e 82). Sobre essa questão, concordamos com Nelson (2006, p.224) acerca da necessidade de teorizar as identidades sexuais, “não como uma essência interna que pode ser expressa ou reprimida, mas como atos relacionais produzidos por meio de interações”. Se é na interação que os sujeitos constroem e negociam sentidos, faz-se importante compreender, então, que as identidades sociais não nascem com os indivíduos e, portanto, não representam um fator biológico ou hereditário, mas, sim, construções sociais e culturais que se concretizam nas práticas discursivas dos sujeitos e no modo como se posicionam diante do discurso do *outro*.

### **Considerações finais**

Com base em nossas discussões acerca dos processos interacional e dialógico ocorridos na aula de inglês investigada, acreditamos que, ao construirmos o *outro* em

nossas práticas discursivas, concomitantemente, manifestamos os fatores culturais que nos representam, nossas crenças, nossas posturas valorativas e, acima de tudo, nosso desejo de aceitação ou de oposição a ele. Em todo processo interacional, por mais que nossas vozes reflitam nossas subjetividades, não há como esquecer que somos sujeitos determinados pela história e pela cultura e, por isso, Bakhtin (1981, p.100) afirma que “a linguagem não é um meio neutro que se torne fácil e livremente apropriedade intencional do falante, ela está povoada ou superpovoada de intenções de outrem”. É nesse sentido que as práticas discursivas dialógicas, quando desenvolvidas ao longo das aulas de LEs, nos auxiliam não só no desvelar de visões preconceituosas e etnocêntricas, como, também, nos proporcionam oportunidades de aprender a respeitar as escolhas do *outro*, de maneira que o diálogo entre a L1-C1 e a L2-C2 dos membros da sala de aula se torna o meio capaz de assegurar observações e discussões mais coerentes sobre as imagens socioculturais dos interagentes.

Por isso, ao pensarmos na sala de aula de inglês como língua-cultura estrangeira e, sobretudo, nos sujeitos sociais que a constitui, é inevitável não pensar também na formação contínua de suas identidades quando em contato com os *outros* que lhes servem de espelho. É, também, na produção do discurso em L2/LE, que os membros da sala de aula projetam suas identidades, se relacionando no tempo e no espaço social com diferentes *outros*, os quais lhes permitem adotar posições de sujeitos particulares. Esse processo é, para Maher (2002), marcado tanto pelo multifacetamento quanto pela contradição, tendo em vista o desejo que os participantes sentem de ora se opor ao *outro* e ora estar em consonância com ele. Para o ensino e a aprendizagem do inglês, não há mais como conceber um processo centralizado apenas em conhecimentos linguísticos e comunicativos, pois é preciso saber lidar com as inúmeras identidades envolvidas nesse contexto, cuja maior característica é a instabilidade, isto é, a fluidez contínua que garante ao indivíduo deslizar espontaneamente entre uma forma de se representar e outra. Nesse sentido, a sala de aula de L2/LE é, na realidade, semelhante a uma arena onde tipicamente se espera um embate de identidades, as quais se revelam embutidas de cargas ideológicas diversas.

Retomamos, dessa forma, o pensamento bakhtiniano acerca das relações dialógicas como espaços de tensão entre enunciados, ou melhor, como um vasto espaço de luta entre

as diferentes vozes sociais e suas “verdades”. Bakhtin (1997, 2004) defende a ideia de que da dinâmica do dialogismo podem resultar tanto a convergência quanto a divergência, mas, acima de tudo, as vozes são equipolentes e nenhuma delas deve suprimir o direito de expressão de outra. Quanto ao trecho analisado, o fato de o *outro* assumir diferentes representações sociais, tais como o homem, a mulher, o personagem homossexual da história em quadrinhos, o professor homossexual de inglês, a professora heterossexual de inglês e o cabeleireiro homossexual, nos revela que, mesmo não respondendo às vozes de seus interlocutores, é capaz de promover diálogos que superam as fronteiras de espaço e de tempo. A importância dessa diversidade que marcou as discussões se dá na projeção de inúmeros olhares para o *outro* e de como a alteridade constitutiva se faz presente na dialética ensino-aprendizagem de LEs, pois é por intermédio do *outro* que o *eu* se reconhece, se apresenta, se identifica e se modifica nos encontros verbais com seu interlocutor; e é por meio dessa dialogicidade mediada pela LE que a sua apropriação pode se tornar cada vez mais efetiva.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. O problema do texto. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. O discurso no romance. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora da UNESP/HUCITEC, 1998, p.71-210.

BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. Vieira. 11 ed. São Paulo: HUCITEC, 2004.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.191-200.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005<sup>a</sup>, p. 87-98.

- BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.61-78.
- CLARK, K. & HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- FIGUEREDO, C. J. *Construindo pontes: a produção oral dialógica dos participantes do processo ensino-aprendizagem de inglês como língua-cultura estrangeira*. 2007. 300f. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) Universidade Federal de Goiás, Goiás.
- HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. Introduction: dialogue with Bakhtin on Second and Foreign language learning. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning: new perspectives*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p.1-8.
- MAHER, T. M. Sendo índio em português. In: SIGNORINI, I. (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002, p.115-138.
- MARCHENKOVA, L. Language, culture, and self: the Bakhtin-Vygotsky encounter. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p.171-188.
- MOITA LOPES, L. P. da. *Identidades fragmentadas*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- NELSON, C. D. A teoria *queer* em Linguística Aplicada: enigmas sobre “sair do armário” em salas de aula globalizadas. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p.215-232.
- SILVA, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2005, p.73-102.
- SOBRAL, A. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p.103-122.
- VITANOVA, G. Authoring the self in a non-native language: a dialogic approach to agency and subjectivity. In: HALL, J. K.; VITANOVA, G.; MARCHENKOVA, L. (Ed.). *Dialogue with Bakhtin on second and foreign language learning*. Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2005, p.149-170.
- YAGUELLO, M. Introdução: Bakhtin, o homem e seu duplo. In: BAKHTIN, M. (VOLOSHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi. Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1992, p.11-19.

*Recebido em 14/03/2012*

*Aprovado em 16/06/2012*